

Caracterização de família moderna

Pensar sobre família não é algo fácil! Pois são muitas as referências que temos sobre essa instituição. A primeira ideia provavelmente está ligada à nossa própria família – aquela na qual nascemos ou na qual fomos criados. Mas à medida que crescemos e vamos saindo do nosso “mundinho”, começamos a observar que as pessoas vivem em grupos familiares diferentes do nosso. Vemos a família dos vizinhos, dos amigos da rua, dos colegas da escola, das novelas da TV, dos comerciais de margarina... Isto sem mencionar outros lugares, distantes ou não muito do nosso, e outros tempos históricos, nos quais as famílias eram e são ainda muito mais diferentes que as nossas conhecidas. Frente a isso somos levados a pensar: que instituição tão estranha é essa! Ao mesmo tempo que parecem tão semelhantes, são, por sua vez, tão diferentes. Algumas vezes as pessoas se unem para formar uma família por questões econômicas, outras vezes, por tradição, ou para obedecer regras impostas pela sociedade. Ou seja, nem sempre é o amor, como estamos acostumados a pensar, o responsável pelas uniões conjugais, e nem sempre é o amor que mantém unidas as famílias. Bem, até aqui já deu para perceber que quando se fala de família não há consenso, ou seja, não há chance de chegarmos a um modelo considerado melhor ou pior, certo ou errado. E qual é o significado desta instituição para nós? Para alguns, família é conforto, para outros é tormento. Para alguns é segurança, para outros é prisão. Alguns psicólogos vêem na família a origem de todos os nossos traumas – problemas que carregamos ao longo de nossa vida, e dos quais muitas vezes não conseguimos identificar as causas. O senso comum e a religião nos ensinam que a família é a célula-mãe da sociedade, imprimem-lhe um caráter quase sagrado, e tentam nos convencer de que todos temos que amar e preservar a família, caso contrário as gerações não se perpetuam... A escola já há algum tempo vem culpando e responsabilizando a família, caso o aluno não se saia bem nos estudos... E nós, como ficamos no meio disso tudo que se afirma? Amamos, odiamos, permanecemos, fugimos, destruimos ou construímos? Já encontramos nossa família pronta quando nascemos, mesmo que se constitua unicamente de nossa mãe. Por isso, os sociólogos afirmam que essa é primeira instituição social à qual pertencemos. Aquela da qual recebemos os primeiros valores e as primeiras impressões sobre a vida e sobre o mundo. Muito do que somos e do que pensamos é resultado da forma como fomos criados em nossos anos iniciais, nessa pequena instituição.

A Sociologia define e classifica as organizações familiares: Família é um agrupamento de pessoas cujos membros possuem entre si laços de parentesco, podendo ou não habitarem a mesma casa. Por exemplo, um pai separado continuará fazendo parte da família de seu filho (mas não de sua ex-mulher), embora esteja morando em outra casa. Quando uma família é composta por pai, mãe e filhos, ela é chamada de família nuclear. Quando outros parentes, como avós ou tios convivem com o casal e seus filhos, temos o que se chama de família extensa. Os laços de parentesco são estabelecidos a partir da consanguinidade ou do casamento. Os casamentos ou uniões conjugais podem ser classificados basicamente de duas formas: monogâmicos – é a união de um homem ou de uma mulher com um único cônjuge; e poligâmicos – que é a união de um homem ou uma mulher com mais de um cônjuge. No mundo ocidental, a poligamia é ilegal, embora os meios de comunicação e a literatura vez ou outra nos relatem casos de pessoas que vivem conjugalmente com mais de um marido ou mais de uma esposa. Na perspectiva da Sociologia Funcionalista (Durkheim, Parsons), a família nuclear é considerada uma unidade fundamental para a organização da sociedade, pois detém as funções de transmitir às crianças as regras básicas da sociedade, bem como de proporcionar estabilidade emocional a seus membros. Mas, para estes sociólogos a grande importância da família refere-se à divisão de tarefas, que permite que um dos adultos saia para trabalhar enquanto o outro cuida da casa e dos filhos. Hoje, esta interpretação é considerada conservadora, pois pressupõe que a divisão das tarefas domésticas é um dado natural. Da mesma forma, as funções referentes à educação dos filhos, antes atribuídas somente à família, são cada vez mais divididas com outras instituições Sociais como o Estado, a escola e creches, além da forte influência exercida pelos meios de comunicação. Considere-se ainda a família com pais homossexuais, ou de produção independente.

Será que a família sempre se organizou desta forma nuclear – pai, mãe e filhos? Observe que sempre começando pelo pai. Por que será? Será que as regras para o casamento são iguais em todas as sociedades? Você sabe por exemplo, que uma das regras na nossa sociedade é de que não podemos casar com os nossos irmãos ou irmãs. Será que esta instituição chamada família sempre existiu? Será que a forma de organização familiar, como nós conhecemos hoje, é uma necessidade dos grupos humanos? As respostas são: Não. Não. Não e não!

Os exemplos de famílias que conhecemos e que parecem quase eternos são apenas algumas das muitíssimas possibilidades de agrupamentos familiares conhecidos na história. Além dos jovens heterossexuais que buscam este tipo de casamento hoje, também não podemos omitir o crescente número de relacionamentos estáveis entre casais homossexuais. Estes casamentos estão quase sempre calcados na confiança e no compromisso mútuo, uma vez que poucos países reconhecem a legalidade destas uniões. Os grupos organizados de homossexuais têm obtido importantes conquistas referentes à adoções de filhos e à permissão da utilização de técnicas de inseminação artificial. Essas conquistas são o anúncio do aumento da tolerância por parte da sociedade e do Estado, assim como da consolidação de valores como o respeito às diferenças. Mais um indicativo de mudanças na organização da sociedade refere-se à opção que muitas pessoas fazem hoje de viverem sozinhas. Viver sozinho não tem mais o caráter negativo que tinha anos atrás. O indivíduo que vivia sozinho era considerado anti-social, infeliz ou solitário. Hoje, muitas pessoas optam por viver sozinhas para garantir a privacidade, e poder escolher os momentos mais apropriados para estabelecer contatos com amigos e familiares.